

PRIMEIRA ABORDAGEM A UM DEPÓSITO MODERNO NO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE COIMBRA (MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO)

A CERÂMICA DESDE MEADOS DO SÉCULO XV À CONSOLIDAÇÃO DA RENASCENÇA

RICARDO COSTEIRA DA SILVA Bolseiro de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), Investigador do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (CEAUCP-CAM)

RESUMO A riqueza dos vestígios arqueológicos e patrimoniais que o edifício do Museu Nacional de Machado de Castro congrega, implicou a prossecução de um programa de trabalhos arqueológicos prévios e decorrentes do projecto de ampliação e remodelação das suas instalações, recentemente concluído. As escavações realizadas na ala sul permitiram identificar um depósito de materiais modernos, interpretado como lixeira, selado pelos níveis das cavaliças do antigo paço episcopal e entre sólidas empenas do criptopórtico romano.

Estes contextos estratigráficos, de leitura clara e segura, notabilizam-se pela variedade, invulgar abundância e bom estado de conservação do material exumado que foi possível integrar em quatro momentos distintos de deposição (entre os séculos XV e XVI) tendo em conta a cronologia relativa oferecida pelos 354 numismas recolhidos.

Atendendo ao estado preliminar dos trabalhos, pretende-se neste texto expor as circunstâncias que envolvem o achado e apresentar, em linhas gerais, a evolução das formas e estilos representados no lote cerâmico exumado e que se baliza entre meados do século XV e finais do século XVI.

PALAVRAS-CHAVE Cerâmica, Coimbra, Paço Episcopal, século XV, século XVI

1. INTRODUÇÃO

Instalado no ponto de maior centralidade da colina genética de Coimbra, que se debruça sobre o Mondego, encontra-se o espaço edificado com mais ampla e ininterrupta diacronia de ocupação atestada nesta urbe, ocupado desde 1912 pelo Museu Nacional de Machado de Castro. As instalações do corpo principal deste espaço museológico erguem-se sobre o criptopórtico dos fóruns da antiga cidade romana de *Aeminium* construído, numa primeira fase, durante o principado de Augusto (inícios do século I d.C.) e posteriormente remodelado e significativamente ampliado por Cláudio (meados do século I d.C.). Sobre esta plataforma artificial, constituída por dois pisos sobrepostos de galerias abobadadas, e após os períodos de ocupação visigótica e islâmica, inicia-se em finais do século XI o processo que levaria à conformação deste sítio como

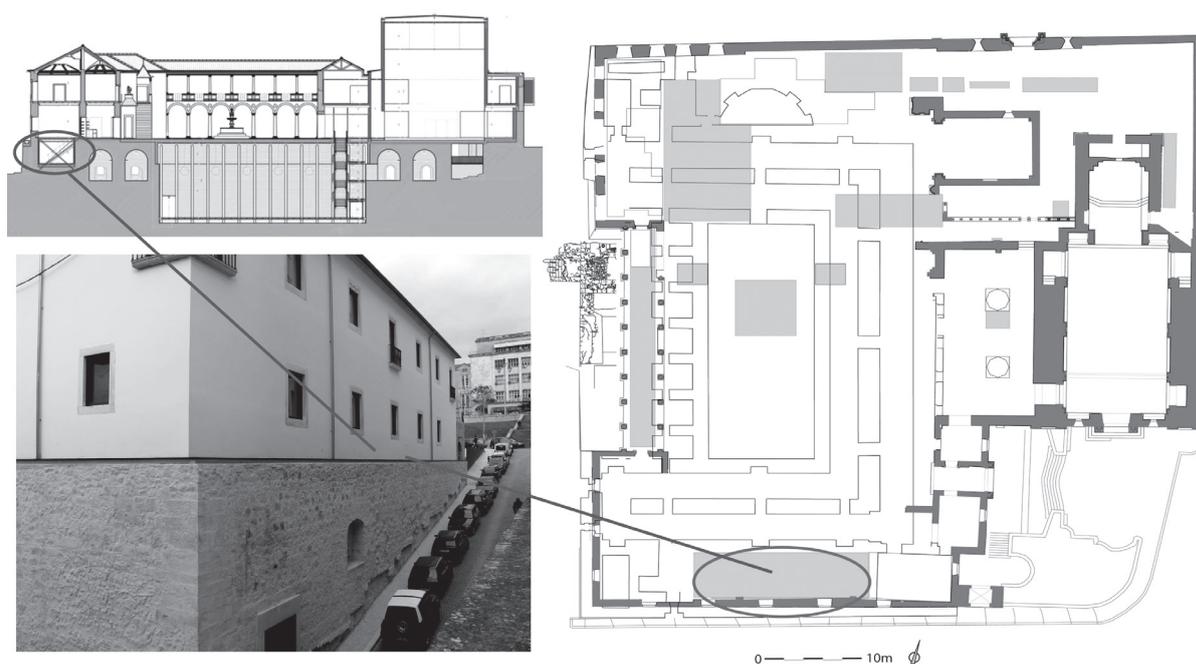
paço episcopal. A manutenção desta funcionalidade irá prolongar-se até ao advento da República e ao longo destes nove séculos a estrutura primária irá sujeitar-se a várias reformas e sucessivas transformações. A notabilidade dos vestígios patrimoniais jazentes neste documento histórico construído, vivo e vivido permanentemente ao longo dos últimos dois milénios, implicou a prossecução de um programa de trabalhos arqueológicos de minimização de ocorrência de possíveis impactes negativos decorrentes do grande projecto de ampliação e remodelação deste museu, concluído em 2009. É neste contexto que, desde a década de 90 do século transacto, se desenvolveram um conjunto de intervenções arqueológicas prévias na área do complexo forense romano e na zona alvo do projecto de ampliação contígua a poente daquele edifício (Carvalho, 1998; Carvalho *et. al.*, 2010 e Alarcão *et. al.*, 2009). Estas acções preliminares de pré-avaliação permitiram

não só diagnosticar e caracterizar uma ampla parcela do espaço que viria a ser afectado pelo referido projecto, mas também delinear com maior rigor e detalhe o plano de intervenção prevista e a realizar em simultâneo com a fase de obra. Em Outubro de 2006 dava-se início ao projecto de execução de remodelação e ampliação das antigas instalações do museu e, em simultâneo, ao programa de acompanhamento arqueológico de salvaguarda que contemplava a realização de escavações preventivas. O conhecimento adquirido do sítio permitia reduzir a imprevisibilidade da ocorrência de vestígios patrimoniais relevantes nesta etapa do empreendimento. No entanto, fazendo justiça ao epíteto de “caixa de surpresas” atribuído por Vergílio Correia (1946) a este arqueossítio, mais uma vez fomos surpreendidos pelo aparecimento de elementos insuspeitos. Um destes casos, e aquele que aqui se releva, reporta-se à ala sul do criptopórtico claudiano. Entre espessas empenas daquela estrutura, onde as sondagens preliminares sugeriam a presença de um terrapleno composto por aterros de época romana coetâneos daquela construção, foi identificado um volumoso depósito de Época Moderna, selado pelos níveis das cavaliças do antigo Paço Episcopal e interpretado como lixeira. Estes contextos estratigráficos, de leitura clara e segura, destacam-se pela variedade, invulgar abundância e bom estado de conservação do espólio cerâmico exumado que foi possível integrar em quatro momentos distintos de deposição entre os séculos XV e XVI. O estado actual da investigação e a sua fase interpretativa não permitem, por enquanto, organizar esta colecção num quadro morfológico e tipológico definitivo e caracterizar fielmente

a diversidade dos fabricos constatados e as práticas de consumo daquela cerâmica quinhentista. Estes serão alguns dos objectivos da dissertação de doutoramento intitulada “O Museu Nacional de Machado de Castro – um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do *forum* augustano ao paço episcopal de Afonso de Castelo Branco” que iniciámos recentemente. Neste sentido, o presente texto inscreve-se na tentativa de desenvolver um plano de divulgação preliminar que acompanhe progressivamente a realização daquele estudo. Atendendo a esta conjuntura, pretende-se expor as circunstâncias que envolveram este achado, tendo em conta a sua estratigrafia, fundamentar o quadro cronológico dos diversos momentos de deposição identificados e individualizados e apresentar uma breve e abrangente descrição do lote cerâmico exumado.

2. PROCESSO, CONTEXTO ESTRATIGRÁFICO E DATAÇÃO

Apesar do esforço empreendido na realização de trabalhos arqueológicos prévios que abrangessem o máximo de área afectada pelo projecto em causa, foi inevitável protelar a execução de determinadas escavações decorrentes do programa de remodelação das antigas instalações do museu para contexto de obra. No entanto, a implementação de extensivas fases de pré-avaliação e apreciação deste projecto de construção permitia reduzir a imprevisibilidade da ocorrência de vestígios patrimoniais relevantes em etapa avançada do projecto de construção e consentia o diagnóstico de áreas de maior ou menor potencial patrimonial ou arqueológico.



1. Localização da ala Sul do criptopórtico de *Aemínium* em planta (com indicação das áreas sondadas) e em perfil do projecto de remodelação do museu.

Neste sentido, tendo em conta esta premissa e os resultados da intervenção de P. Carvalho (1998) no extremo sudeste do edifício, a equipa projectista programou a construção de uma sala de reserva subterrânea na ala sul do museu (fig. 1). De facto, os dados de que dispúnhamos apontavam para a existência de uma sucessão de níveis de circulação composto por um pavimento em mosaico hidráulico do século XIX e um pavimento em calçada, constituído por seixos de rio rolados, datado de finais do século XVI¹ que, por sua vez, se sobrepunham a um grande terraplano formado por aterros coetâneos à construção do criptopórtico romano claudiano e que colmatavam todo o espaço até ao extradorso da abóbada da cloaca *maxima* que cruza toda a sala de leste para oeste. Perante este cenário, previa-se que, após a escavação metódica de todos estes níveis estratigráficos nos restantes 100 m² da ala sul ainda não intervencionada, o projecto se pudesse concretizar. Não obstante, os trabalhos vieram expor uma realidade distinta daquela que se antecipara. Após a remoção dos vestígios do último nível de circulação (de finais do século XVI) verificou-se que todo

este espaço se encontrava compartilhado transversalmente por quatro largos muros estruturais² (1,40 m de largura e 4,40 m de comprimento) e de contraforte interno do criptopórtico claudiano, apostos ao traçado intacto da cloaca *maxima*, e que se encontravam regularmente espaçados entre si, formando o que poderemos designar por quatro “compartimentos” (com 2,60 m de largura e 4,40 m de comprimento) (fig. 2). Os espaços intra-muros (conformados em quatro sondagens) encontravam-se totalmente preenchidos por volumosos aterros que se suspeitavam coetâneos da construção das espessas empenas romanas que os circunscrevem. Contudo, as evidências atestadas acabaram por demonstrar que tal premissa não era extensiva a todas as sondagens. Efectivamente, a análise desta intervenção comprova a contínua ocupação deste espaço e consequente readaptação e reestruturação destas pré-existências do século I d.C. nos períodos posteriores.

Com efeito, sob o pavimento da cocheira do paço episcopal e ao longo das sondagens/compartimentos, foi identificado um conjunto de três sapatas, de formato

1. Este pavimento é solidário com a estrebaria do Paço Episcopal que terá ocupado este espaço até época contemporânea e que se encontra correlacionado com as várias manjedouras, ainda hoje visíveis, que se encontram encastradas nos alçados Norte e Sul desta sala (fig. 2).

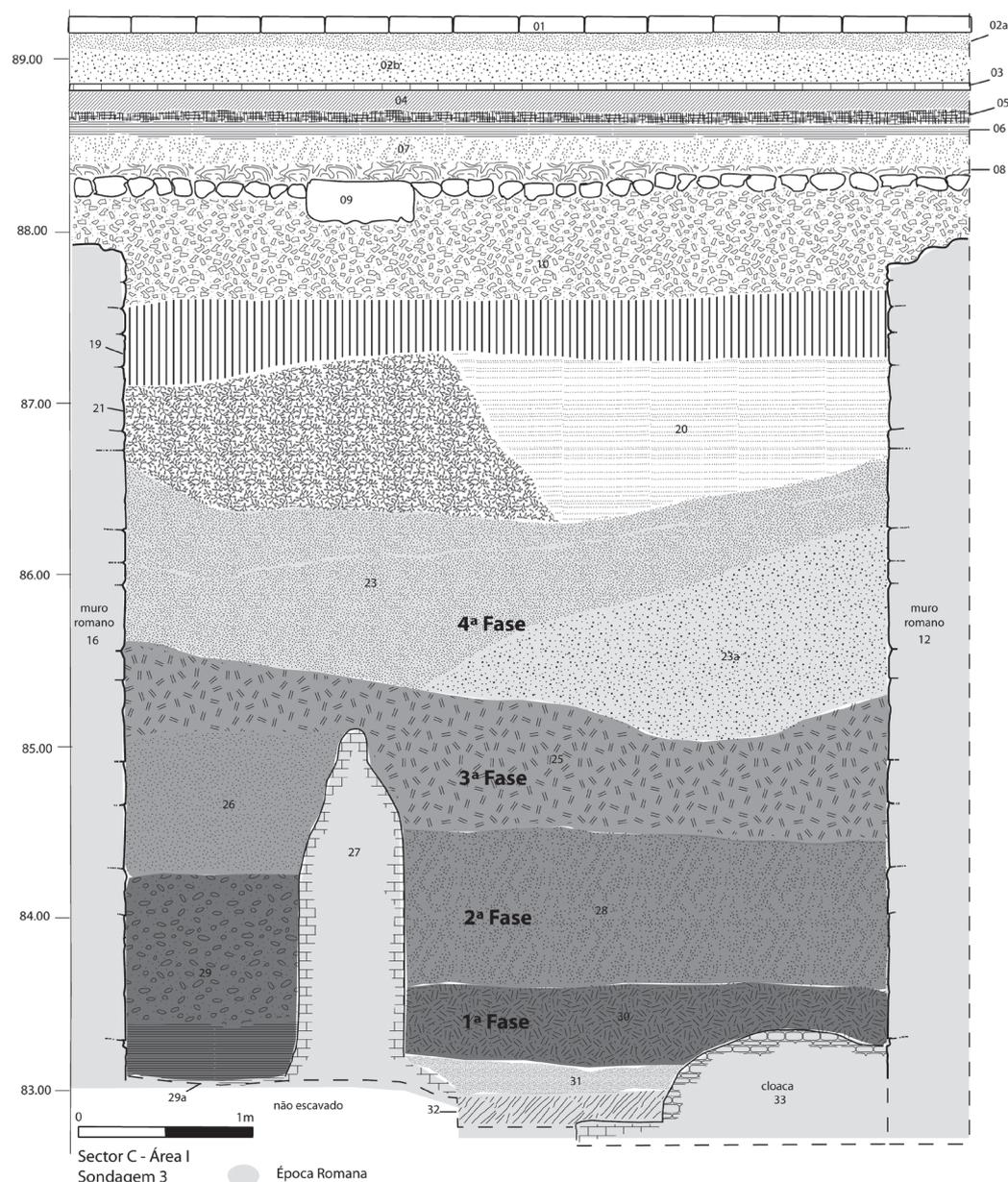
2. O aparecimento insuspeito destas estruturas de inegável valor patrimonial determinou a revisão do plano idealizado. Abandonou-se o projecto inicial de construção de uma reserva subterrânea e os trabalhos prosseguiram com o intuito de valorizar e integrar esta área no novo percurso de visita do museu.



2. Vista geral da ala Sul do criptopórtico de *Aeminium* – muros de contraforte interno.

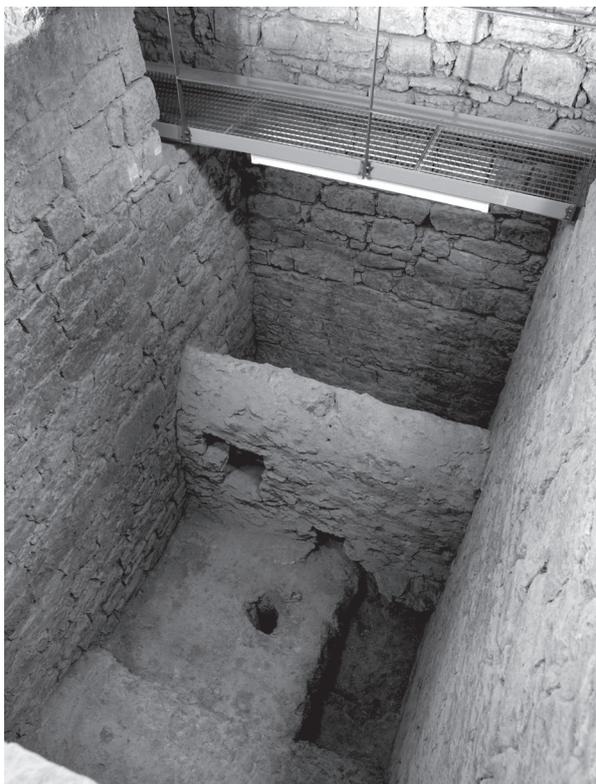
circular (com cerca de 1 m de diâmetro), implantadas no eixo da sala e que cortam os estratos inferiores de cronologia medieval e romana. Estas estruturas, datadas de finais do século XVI, encontram-se associadas à sustentação do sistema de vigas do nível de circulação do piso superior da ala sul, erigido simultaneamente ou em momento imediatamente anterior à construção da *Loggia*, projecto de F. Terzi, também ela composta por dois pisos e que na fachada ocidental une os corpos Norte e Sul do antigo Paço Episcopal. Toda esta reestruturação do paço, que lhe confere a forma actual, teve como promotor o bispo D. Afonso Castelo Branco que, para além da reformulação de todo o bloco Sul

e do lançamento da varanda, substituiu o portal de entrada onde coloca o seu brasão juntamente com o do bispo seu antecessor, D. Jorge de Almeida (que no início de Quinhentos procedera à primeira grande reforma na ala Norte) e onde faz questão de gravar a data de 1592 – ano que marca o final desta reforma. Este marco cronológico surge aqui valorizado pois dota-nos de um *terminus antequem* de todos os aterros que se encontram selados pelos níveis que envolvem as sapatas de suporte do sobrado do piso superior, com especial relevo para o depósito de Época Moderna que é tema principal desta exposição.



3. Perfil estratigráfico da sondagem 3 realizada na ala Sul do criptopórtico de *Aeminium*.

Centrando-nos no referido depósito, reportamo-nos à sondagem 3 onde os estratos que envolvem a sapata circular (u.e.^s 20 e 21) se sobrepunham a um teraplano (com cerca de 3,5 m de potência estratigráfica) composto por terras escuras, muito orgânicas, com abundância de carvões e restos osteológicos faunísticos, interpretado como lixeira. Esta volumosa zona de descarte é preenchida por vários níveis diferenciados de despejo (u.e.^s 23, 23A, 25, 26, 28, 29, 29A, 30 – fig. 3) que assentam directamente no extradorso da cloaca romana (e a esta cota nos aterros seus contemporâneos) e envolvem uma estrutura hidráulica romana (u.m. 27) que atravessa longitudinalmente toda a sondagem (fig. 4). A exumação desta sucessão de estratos selados permitiu recolher um variado e numeroso lote cerâmico, bem como um significativo conjunto de peças metálicas, em vidro e em osso trabalhado. Para além destes, ganham particular relevância os 354 numismas recuperados, cujos dados cronológicos nos permitem agrupar as oito unidades estratigráficas de proveniência em quatro momentos distintos de deposição (fig. 3). Assim sendo, tendo em atenção a datação relativa proporcionada por estes elementos como *terminus postquem*, poderemos situar o período de actividade desta lixeira entre a segunda metade do século XV e o último quartel do século XVI (até 1592). Com efeito, enumeram-se as u.e.^s 29, 29A e 30, como inscritas na primeira fase de depósito, que deverá ter ocorrido em meados do século XV, pois as



4. Plano final da sondagem 3 após remoção do depósito de Época Moderna.

moedas identificadas são emissões de D. Fernando e D. João I (1383-1433). O segundo momento de deposição deverá corresponder à unidade estratigráfica 28 onde as moedas predominantes são cunhagens de D. Fernando, pertencendo as mais recentes a D. João II (1481-1495), indicando uma cronologia de inícios do século XVI. A terceira fase, associada às u.e.^s 25 e 26, parece ter ocorrido entre os finais do primeiro quartel e meados do século XVI, correspondendo a moeda mais recente a um meio real de D. Manuel (1495-1521). O último momento de utilização desta lixeira surge colmatado pelas u.e.^s 23 e 23A onde as moedas mais recentes, emitidas por D. Sebastião, não ultrapassam o seu reinado (1557-1578). Relembramos que é sobre estas unidades que se abrem as fundações dos pilares de sustentação do piso superior do bloco sul de que é solidária a *Loggia*, projecto finalizado em 1592. Esta conjuntura leva-nos a circunstanciar esta última etapa de aterro entre 1578 e 1592. Por fim, não deixa de ser curioso a associação de algumas destas fases de deposição com as prelaturas dos bispos reformadores do antigo Paço Episcopal. Na verdade, a segunda e terceira fase parecem harmonizar-se com o bispado de D. Jorge de Almeida (1481-1543) que reestrutura todo o Bloco Norte, enquanto a quarta fase indicia uma contemporaneidade com a renovação do Bloco Sul promovida durante o episcopado de D. Afonso de Castelo Branco (1585-1615). Hipótese plausível e que a confirmar-se permitia refinar, ainda com maior precisão, a datação da última fase de aterro e balizá-la entre 1585 e 1592.

3. ANÁLISE PRELIMINAR DO LOTE CERÂMICO

Do abundante espólio cerâmico recolhido nesta lixeira foi possível reconstituir mais de seis centenas de peças inteiras ou de perfil completo. O estado ainda embrionário da investigação em curso não autoriza, de momento, a apresentação de um exame completo da cerâmica, com caracterização de fabricos e exposição de todas as formas, tipos e subtipos representados. Estudo este, que aliás, não se compagina com este formato de publicação. A diversidade e quantidade da colecção é tal que permite documentar, com raras excepções³, todo o repertório formal de baixela cerâmica reconhecida para o quotidiano da época. Deste modo, optou-se por retratar uma pequena amostragem das principais formas e tipos identificados em cada uma das fases de deposição individualizadas e que, embora ilustrativa, não se poderá considerar representativa de todo o conjunto.

3. A título de exemplo, regista-se a total ausência de fogareiros e vasos de noite.

Relativamente ao fabrico da cerâmica doméstica comum, e de um modo geral, esta corresponde exclusivamente a louça de barro vermelho, torneada, com pastas compactas que oscilam entre o depurado, à inclusão de elementos não plásticos (essencialmente quartzo, mica e calcário) de pequeno e médio calibre bem distribuídos. A sua cozedura terá ocorrido em ambiente oxidante⁴, como se constata pela tonalidade vermelha – alaranjada das pastas, embora nos lotes mais antigos se vislumbrem algumas peças com manchas escuras na superfície exterior, fruto das alternâncias de temperatura durante esse processo. O tratamento das superfícies abarca, como veremos, uma grande pluralidade de soluções que pode

variar do simples alisado e polido, à aplicação de engobe, com ou sem brunido em linhas verticais e vidrado.

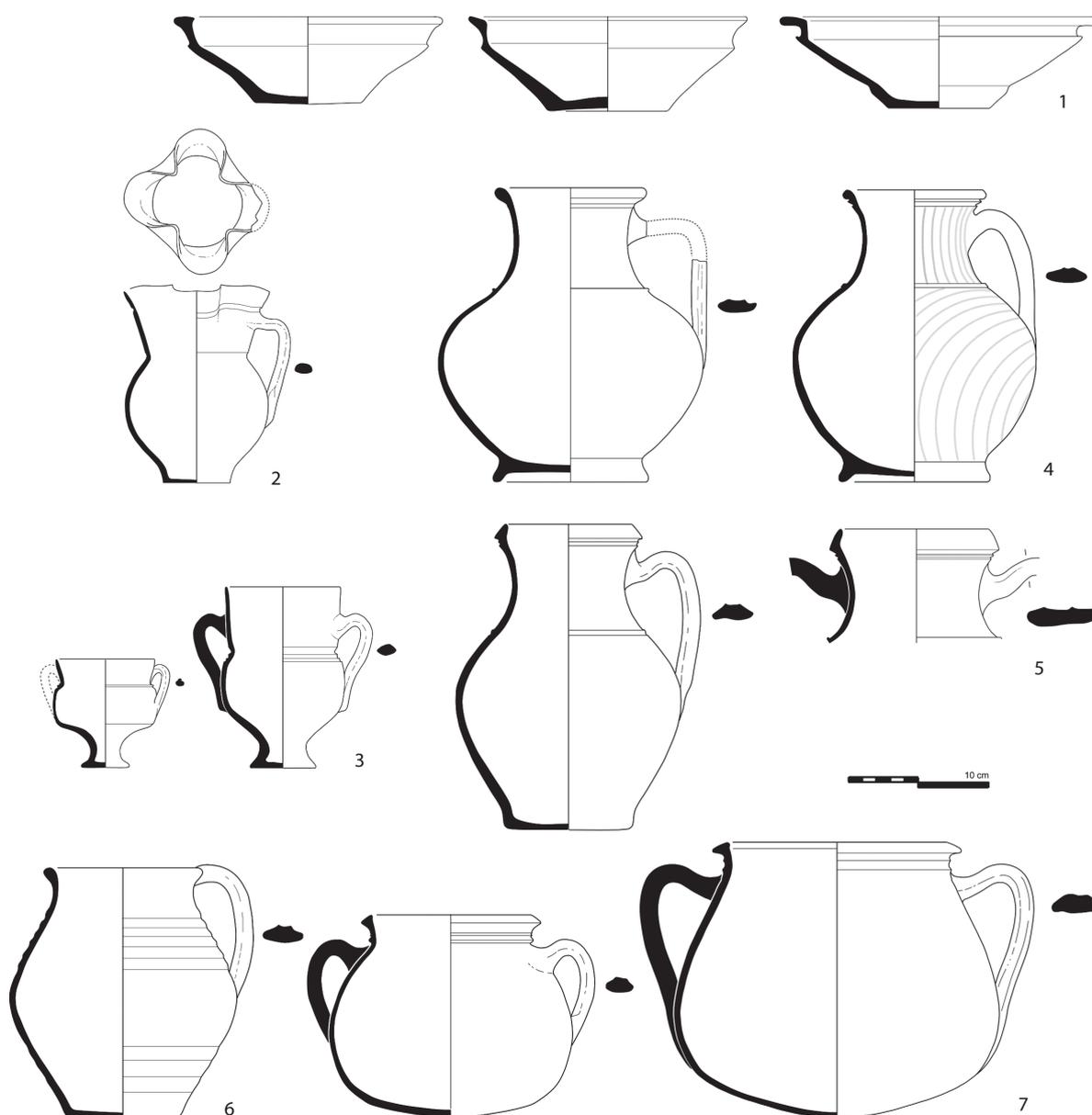
3.1 1.ª Fase – meados do século XV

Do primeiro nível de deposição dos contextos analisados resulta o conjunto cerâmico menos numeroso mas que, ainda assim, apresenta alguma variedade de formas, sobretudo entre a louça de mesa e de cozinha (fig. 5⁵).

Entre as primeiras, destaca-se a abundância de pucarinhos de duas asas, com pé tipo bolacha, corpo elipsoidal e colo alto, figurados por peças de diferentes dimensões.

4. Apenas se identificaram três panelas com pastas de tonalidade acinzentada produzidas em ambiente redutor.

5. Os desenhos das peças cerâmicas apresentados foram realizados por Sara Almeida, a quem agradecemos.



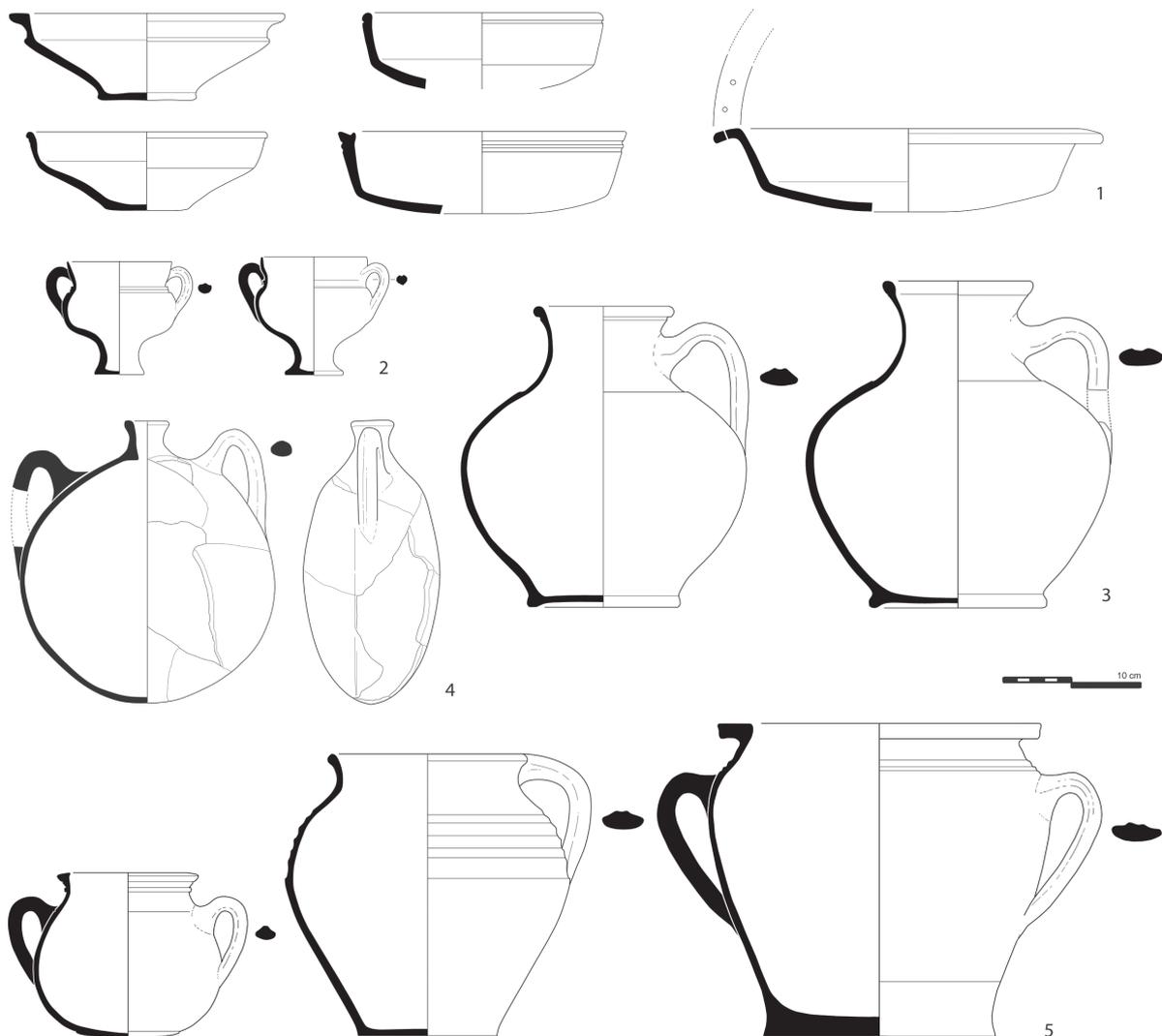
5. Cerâmicas da 1.ª Fase (meados do século XV): 1 - Taças; 2 - Jarro; 3 - Pucarinhos de duas asas; 4 - Cântaros de corpo globular; 5 - Cântaros de perfil ovóide; 6 - Panela de perfil ovóide; 7 - Panelas de corpo globular.

Os cântaros mais representados apresentam perfil globular, colo cilíndrico, bordos simples com lábios boleados, uma asa em fita e base com pé. A superfície externa destes recipientes é sempre muito polida, apresentando-se regularmente ornamentada com ténues traços brunidos. Menos frequentes são os cântaros de corpo ovóide, ombro curto, bordo de forma triangular com inflexão para o interior e fundo plano. Ostentam uma asa em fita, com ligeira depressão longitudinal que, por vezes, apresenta traços transversais pintados a branco. Registe-se igualmente a presença de um pequeno jarro de uma asa, com bordo tetralobado. Destaca-se ainda um conjunto de fragmentos de jarros de pasta branca revestida a vidro verde de chumbo que se filiam numa longa tradição.

A par destas formas surge ainda bem representado o grupo das taças. O único tipo evidenciado caracteriza-se pelo ressalto na demarcação entre o corpo e o bordo com lábio, quase sempre, em aba horizontal.

Entre os recipientes de cozinha pontuam, quase em exclusivo, as panelas. O tipo mais comum comporta peças de bojo esferóide, base bombeada, bordo de perfil subtriangular e colo curto, normalmente demarcado por caneluras, abaixo do qual arrancam duas asas em fita que terminam junto ao fundo da pança. Para além deste, identificaram-se panelas de corpo ovóide de uma só asa que arranca do bordo ligeiramente extrovertido de lábio boleado e conflui a meia altura da pança cujas paredes se encontram profusamente marcadas por caneluras.

Por fim, assinalam-se ainda vários fragmentos de testos de paredes esvasadas com botão de prensão central e candeias de câmara aberta com bico bem definido, comuns em todos os lotes exumados e cuja morfologia não apresenta grandes alterações ao longo da diacronia definida e que, por isso mesmo, nos absteremos de voltar a enunciar.

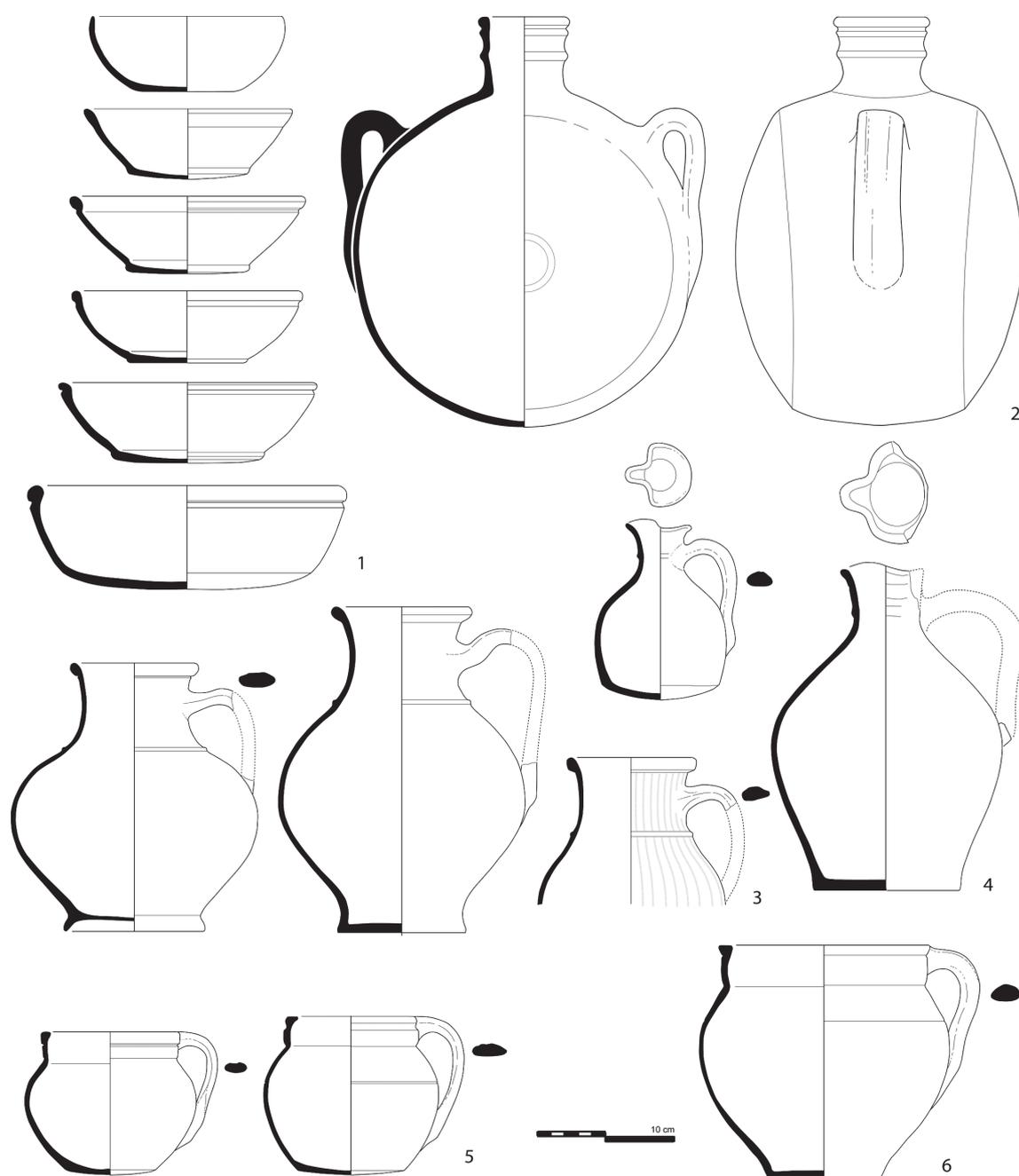


6. Cerâmicas da 2.^a Fase (inícios do século XVI): 1 - Taças; 2 - Pucarinhos de duas asas; 3 - Cântaros de corpo globular; 4 - Cantil; 5 - Panelas ou potes.

3.2 2.^a Fase – inícios do século XVI

As formas e tipos cerâmicos procedentes da segunda fase deste aterro não diferem muito das que se encontram representadas no nível inferior (fig. 6). Com efeito, e entre os recipientes de cozinha, continua a verificar-se a manutenção dos dois tipos de panelas atrás enunciados: panelas de duas asas de corpo esférico e fundo convexo e as panelas de uma asa (que arranca do bordo), de perfil ovóide marcado na parte superior por caneluras e base plana. Apenas se verifica a inclusão de um novo tipo constituído por panela ou pote de duas asas com bordo pendente e colo curto assinalado por conjunto de caneluras.

Denota-se a mesma similaridade relativamente às louças de mesa onde se assiste novamente a uma supremacia dos pucarinhos de duas asas e de cântaros de uma asa de perfil globular, fundo com pé e superfície exterior brunida. Não obstante, assiste-se a uma proliferação de tipos distintos de taças. Para além das taças de ressalto que figuravam no nível anterior, contam-se os vasos de fundo convexo com bordo pendente ou demarcado por caneluras e lábio bifido, as taças com carena e outras cuja inflexão interna individualiza o corpo inferior subtruncocónico do superior de matriz vertical.



7. Cerâmicas da 3.^a Fase (meados do século XVI): 1 - Taças; 2 - Cantil; 3 - Cântaros; 4 - Bilhas; 5 - Púcaros; 6 - Panela.

Destaca-se ainda a presença de um cantil de corpo discóide com duas asas em fita apenas à parte superior dos flancos. O gargalo é curto e o bordo simples com lábio boleado.

3.3 3.ª Fase – meados do século XVI

A coleção relativa ao terceiro momento de depósito volta a denotar um predomínio dos recipientes de cozinha e de mesa, embora pautada pela ampliação da respectiva panóplia tipológica. Não obstante a ausência de tipos comuns às duas fases anteriores, regista-se a permanência de outros modelos e acresce a emergência de novos perfis (fig. 7).

As panelas continuam a assumir preponderância entre a louça de cozinha. Denuncia-se o desaparecimento do tipo dominante nas fases anteriores e constituído por recipientes de duas asas, perfil globular e fundo convexo. Ao mesmo tempo, assiste-se à permanência, embora menos expressiva, das panelas de corpo ovóide demarcado, na parte alta, por caneluras. No entanto, surge um novo perfil imperante composto por peças de uma só asa, em fita, que se fixa a meio do bojo, ligeiramente globular assente em base plana, e com bordo, bem destacado, de lábio plano e espessado para o exterior. Esta forma irá prevalecer na fase posterior e parece influenciar, até certo ponto, o aparecimento de um novo tipo de púcaros que poderiam igualmente ter sido utilizados na manipulação ou confecção de alimentos. Com efeito, ao mesmo tempo que os pucarinhos de duas asas, bastante numerosos nos níveis precedentes, têm agora uma presença meramente residual, despontam os

púcaros de uma asa, corpo globular, fundo ligeiramente convexo, bordo destacado com canelura e lábio introvertido.

Entre a louça de mesa as taças atingem uma maior expressividade, abrangendo uma grande diversidade tipológica. Embora todas de perfil tendencialmente esférico e maioritariamente de paredes encurvadas, expõem variações ao nível da base e bordo. O fundo pode ser plano, convexo ou em pastilha. Os bordos, demarcados por canelura ou linha incisa, apresentam lábios simples boleados, afilados, introvertidos ou espessados exteriormente.

Quanto aos cântaros, a par dos de corpo globular que subsistem das fases anteriores, sobrevém um novo tipo, de perfil mais alongado e fundo plano, onde as linhas verticais brunidas se tornam mais distintas. Assiste-se ainda à inclusão de bilhas de bocal trilobado, colo curto e fundo plano ou convexo, de diversas dimensões.

Finalmente, evidencia-se, pela excepcionalidade, o cantil de corpo discóide de grandes dimensões.

3.4 4.ª Fase – finais do século XVI (1578-1592)

O material exumado nos níveis correspondentes ao último momento de utilização desta lixeira marca uma ruptura, quase completa, com o correspondente dos níveis inferiores. Para além de um considerável aumento da quantidade e diversidade de cerâmica recolhida, esta, por sua vez, patenteia a inclusão de fabricos, produções e formas até agora não representados. Embora continuem a prevalecer os fabricos cerâmicos locais, assiste-se, pela primeira vez, à presença de



8. Cerâmicas da 4.ª Fase (finais do século XVI): potes e bilhas de superfícies vidradas.

um apreciável lote de importações de diferentes proveniências. Entre estas, merecem destaque a faiança de reflexo metálico proveniente de Paterna/Manises, o azulejo sevilhano, a candeia de pé alto vidrada originária do sul de Espanha, a majólica policroma, a de azul sobre azul e o “*smalto berettino*” de produção ou tradição italiana e a porcelana chinesa da dinastia Ming⁶. Para além destes, acresce um considerável número de louça de mesa, em chacota com ambas as superfícies vidradas a verde ou amarelo, composto por pratos, tigelas, potes e bilhas (fig. 8), cuja origem de produção nos suscita muitas incertezas, suspeitando-se que possam igualmente provir do sul peninsular. Neste conjunto destaca-se o aparecimento de um lote de faiança de pasta branca, lisa ou decorada a azul, composto por escudelas, pratos, tigelas, malgas (fig. 9) e uma saladeira. As escudelas apresentam um perfil convexo com copa carenada, bordo com lábio boleado, fundo côncavo e pé anelar. Apenas em 12% destas peças transparece a existência de decoração geralmente em duplo filete na superfície interior junto ao bordo e ou base, destacando-se a representação de um peixe pintado a cobalto azul sobre a face interna de um recipiente. Os pratos caracterizam-se pela recorrência do fundo em ônfalo. Apenas 7% dos exemplares ostenta a típica decoração com filetes concêntricos. Isentas de pintura encontram-se as malgas de pequenas

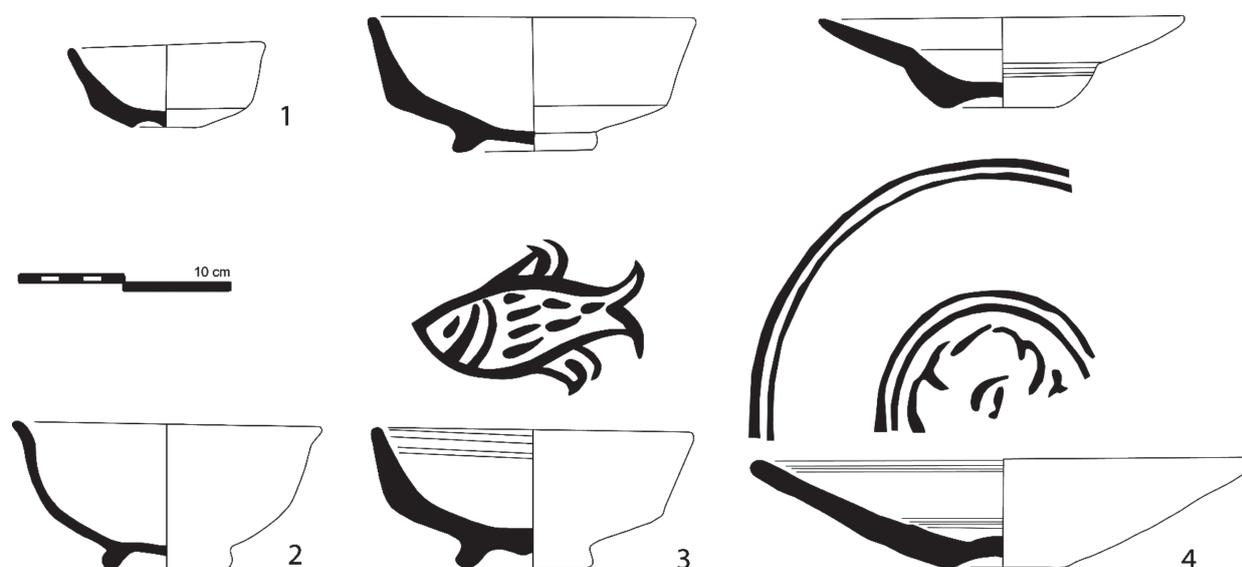
dimensões, de bordo boleado, sem pé e perfil convexo carenado e as tigelas de bordo ligeiramente extrovertido e pé anelar. Este grupo converge com as peculiaridades observadas nas faianças sevilhanas do século XVI. Para além dos barros vermelhos apenas afagados, surgem novas produções como os barros pedrados e a cerâmica modelada (fig. 10).

A denominada cerâmica pedrada ou empedrada, caracterizada pela incrustação de pedras brancas de quartzo na superfície da peça, surge aqui representada através de formas adstritas a conter líquidos. Entre estas, realça-se, pela sua maior representatividade, as tacinhas de beber de duas asas, de perfil troncocónico e base convexa e os jarrinhos e/ou potinhos aos quais deverão pertencer uma vasta gama de tampas de coruchéu. Refira-se ainda a presença de um pote de média dimensão, de perfil globular, base plana e bordo extrovertido que se encontra profusamente decorado e em perfeito estado de conservação.

O lote de cerâmica modelada comporta exclusivamente louça de mesa onde sobressai uma vasta gama de tacinhas de duas asas de perfis sinuosos, com relevos e depressões, que embora homogéneas relativamente às técnicas decorativas aplicadas (incisões, excisões, decoração plástica) não oferecem um padrão figurativo e modelar unitário. A segunda forma mais expressa corresponde ao púcaro globular de uma asa, pé anelar e bordo vertical de lábio boleado ou em bisel, cujo bojo ostenta bandas oblíquas modeladas.

A par destas produções, pontua a cerâmica de uso doméstico mais corrente. Denota-se uma presença significativa de recipientes com superfície interna (e parte

6. A par das importações cerâmicas, refira-se a presença de uma colecção de vidros que ilustram formas e fabricos correntes ao longo do século XVI em Itália e no Norte da Boémia. Entre os mais numerosos encontram-se os cálices, em especial os de vidro opaco, vermelho-lacre.



9. Faianças (4.ª Fase – finais do século XVI): 1 - Malga; 2 - Tigela; 3 - Escudelas; 4 - Pratos.



10. Exemplos de cerâmica pedrada e modelada (4.ª Fase – finais do século XVI).

da face externa) vidrada. Esta solução encontra-se expressa em várias formas como os púcaros de uma asa, as sertãs com pega cilíndrica, caçoilas ou tachos de duas asas e panelas de corpo globular e bordo extrovertido de lábio boleado de uma ou duas asas (fig. 11). Não obstante, a cerâmica de barro vermelho é a mais frequente do conjunto (fig. 12), abarcando variado número de formas, tipos e subtipos de recipientes. Entre a baixela de cozinha acentua-se o predomínio das panelas. Abarcando um largo espectro de perfis e dimensões, o tipo mais recorrente reporta-se às panelas de uma ou duas asas que arrancam sempre do bordo com lábio boleado e espessado para o exterior e se esbatem a meia altura do bojo globular. Parece existir uma certa correlação entre os recipientes de duas asas e o fundo ligeiramente convexo e as peças de uma só asa que assentam em bases planas. O segundo grupo mais representado comporta panelas de uma asa que erradica igualmente do bordo (bem destacado e marcado por canelura) e se adoça a um corpo mais alongado que o anterior assente em base plana. Deverá ainda mencionar-se a existência de grandes recipientes que, por revelarem fuligem exterior, deduzimos que possam

ter servido ao fogo. Trata-se de panelas altas ou potes de duas asas com bordos de lábio boleado e espessado para o exterior, corpo ovóide e base plana que apresentam a particularidade de ostentar bandas de cordões plásticos digitados verticais que se sobrepõem parcialmente ao bordo e parte superior da pança que é realçada por canelura. Este modelo encontra-se também figurado em tachos de corpo esférico. Aliás, pela primeira vez, esta categoria formal surge bem representada por peças de duas asas com bordos de lábios amendoados simples ou extrovertidos e fundos planos ou convexos.

Nos serviços de mesa assiste-se a uma preponderância das taças ou tigelas, dos pratos e dos púcaros. Apesar de albergar um amplo e distinto conjunto que comporta pequenas variações, isolaram-se dois tipos mais representativos de taças de corpo hemisférico. O primeiro oferece peças carenadas com pé tipo bolacha e bordo aprumado de lábio boleado. O segundo apresenta taças de perfil subtruncocónico com bordo de lábio plano e espessamento exterior. É comum a evidência de brunido interno, descontínuo, formando linhas concêntricas.



11. Exemplos de cerâmica de uso comum com superfície interna vidrada (4.^a Fase – finais do século XVI).

Os pratos, embora de proporções muito variadas, assumem uma forma troncocónica de paredes extrovertidas, vincadas por acentuado estrangulamento no seu volume mediano que diferencia a aba larga e soerguida, de bordo simples ou extrovertido, da caldeira cova. A superfície interna destas peças revela igualmente indícios de brunimento descontínuo.

O grupo dos púcaros é um dos mais expressivos do conjunto. Distinguem-se três categorias tipológicas principais. O mais comum oferece corpo globular, bordo com lábio boleado, extrovertido e com canelura a meia altura. Apresenta uma asa vertical de secção subcircular que arranca do bordo e assenta num pé tipo bolacha. A superfície externa apresenta polimento intenso, evidenciando um aspecto lustroso. Outro dos tipos mais repetidos difere essencialmente daquele por apresentar um pé mais indistinto e por exibir decoração brunida na face exterior através de bandas ou traços verticais, oblíquos ou reticulados. A terceira série de púcaros de perfil mais bojudo apresenta uma asa de secção subelíptica que nasce igualmente no bordo mais vertical e marcado por canelura. Não dispõe de pé de assentamento e não mostra qualquer tipo de acabamento superficial para além do alisamento. Aliás, a ocorrência reiterada de fuligem exterior sugere a sua utilização ao lume.

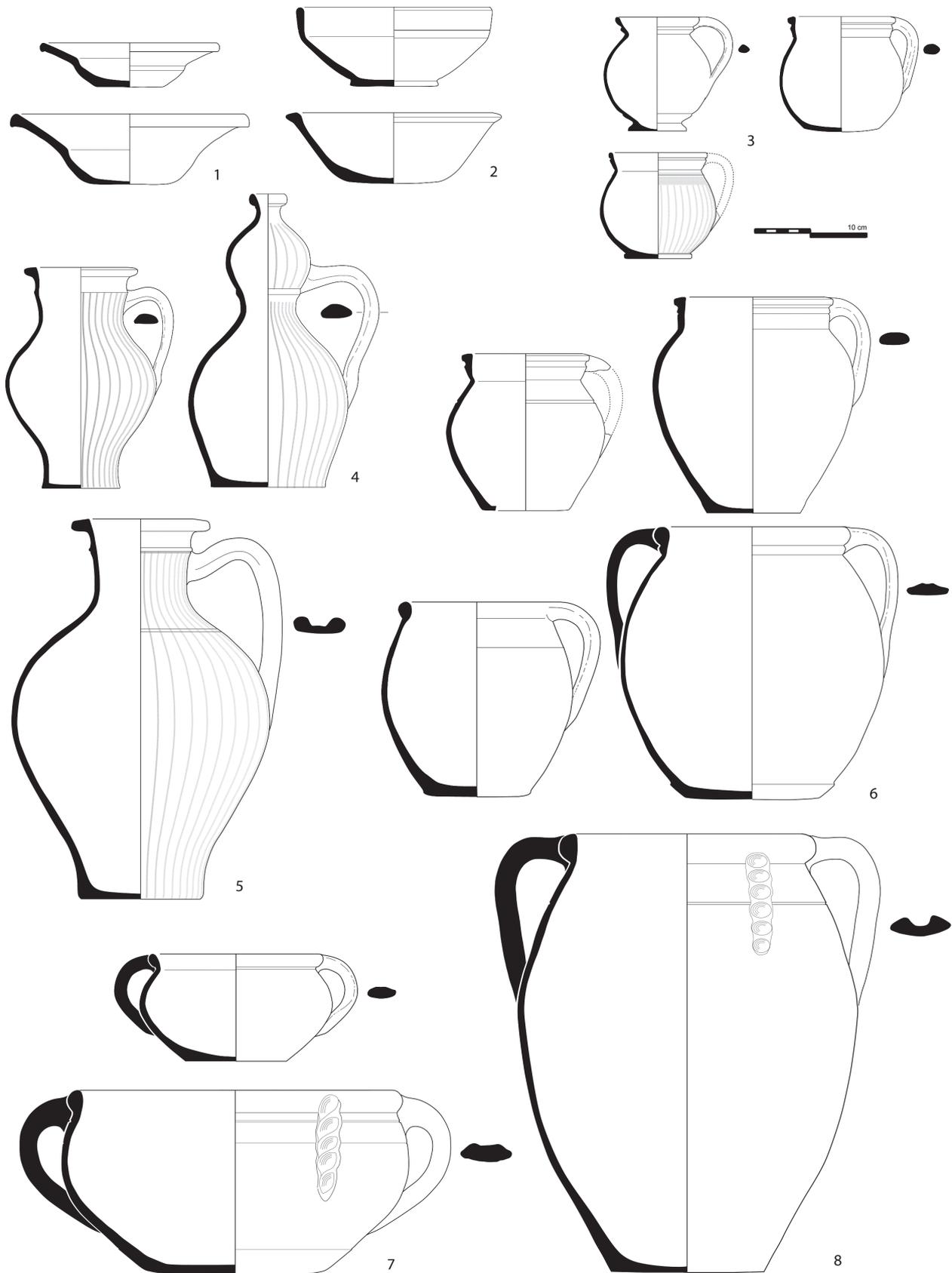
Os recipientes de armazenamento e transporte de líquidos encontram-se bem figurados. A forma mais recorrente é o cântaro de perfil ovóide alongado, com

bordo de lábio plano e asa vertical com depressão longitudinal. Este tipo, que contempla diversas dimensões, marca uma ruptura completa com os cântaros exumados nos níveis inferiores de corpo tendencialmente globular. Refira-se ainda a presença de bilhas tipo “cabaça” e gorgoletas de duas asas e gargalo que comungam com os primeiros o facto da superfície externa se encontrar coberta por linhas verticais paralelas brunidas.

As bilhas de bocal trilobado encontram-se igualmente documentadas por peças de várias simetrias. A ausência de tratamento superficial nestes recipientes, para além do simples alisamento, e a presença de vestígios de fuligem exterior advertem para a sua possível exposição ao fogo.

Alude-se por fim, à presença de bacias ou grandes alguidares de forma troncocónica e bordo extrovertido e pendente de secção triangular. Estes reproduzem dois tipos distintos de fabrico. Para além do barro vermelho em que a superfície interna revela a existência de engobe ou brunimento em forma de linhas concêntricas, contam-se alguns elementos com pasta em chacota branca e face interna enriquecida por vidrado verde ou amarelo.

Entre este diversificado lote cerâmico foi ainda possível identificar outras formas menos comuns (não reconhecidas nos estratos inferiores) como os almoçarizes, mealheiros, copos, canecas, cálices e variadas tampas de coruchéu.



12. Cerâmica doméstica comum da 4.^a Fase (finais do século XVI): 1 - Pratos; 2 - Taças; 3 - Púcaros; 4 - Bilha; 5 - Cântaros; 6 - Panelas; 7 - Tachos; 8 - Panela ou Pote.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão poderá afirmar-se que o lote cerâmico exumado ilustra essencialmente modelos de louça de mesa e de cozinha, de produção local ou regional, muito comuns nos séculos XV e XVI um pouco por todo o território nacional, em lugares tão distintos como Aveiro (Alves *et. al.*, 1998), Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 193-211), Lisboa (Gaspar e Amaro, 1997; Gaspar *et. al.*, 2009; Ramalho e Folgado, 2002); Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998); Évora (Teichner, 1998; Teichner, 2003); Porto (Real *et. al.*, 1995; Barreira, Dórdio e Teixeira, 1998), entre outros.

Em termos genéricos é possível observar que os materiais recolhidos nos níveis inferiores denotam um certo conservadorismo de formas e fabricos, cujo leque se vai paulatinamente diversificando à medida que nos abeiramos dos finais do século XVI. Por contraste, a última fase de depósito expõe uma abrangente panóplia de produções onde se destaca a presença, inclusivamente, de conjuntos cerâmicos importados.

A relevância desta colecção assenta não só no bom estado de conservação, variedade e invulgar abundância de

material, mas também na peculiaridade das circunstâncias que envolvem o achado, que autoriza a leitura clara e segura dos contextos estratigráficos de proveniência e permite a datação rigorosa do depósito. Com efeito, tendo por base um inventário volumoso, com um repertório variado de produções, formas e tipos importa prosseguir o estudo e procurar estabelecer a completa caracterização dos fabricos e seu quadro tipológico. Tendo em conta o carácter excepcional do espólio e a sua singularidade contextual no quadro histórico da cidade de Coimbra, marcado por assinaláveis hiatos que este repertório permite colmatar, aquele poderá converter-se numa referência local e regional colaborando analogamente para complementar o percurso e devir histórico das gentes locais que se encontram menos representadas ao nível do registo arquitectónico. Neste sentido, espera-se que a conclusão deste ensaio possa contribuir para adensar o conhecimento da cultura material, em especial da baixela de cerâmica comum, dos séculos XV e XVI das comunidades da região de Coimbra, que contrasta actualmente com outras áreas mais amplamente estudadas.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J. *et. al.* (2009) – *O forum de Aeminium – a busca do desenho original*. Coimbra: IMC/MNMC/EDIFER.

ALVES, F.J.S. *et. al.* (1998) – A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV *Ria de Aveiro A* e da zona *Ria de Aveiro B*. Aproximação tipológica preliminar. *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela, p. 185-210.

BARREIRA, P.; DORDIO, P. e TEIXEIRA, R. (1998) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII. *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela, p. 145-184.

CARDOSO, G. e RODRIGUES, S. (1999) – Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais. *Arqueologia Medieval*. Porto, 6, p. 193-211.

CARVALHO, P. (1998) – *O Forum de Aeminium*. Coimbra: Instituto Português de Museus.

CARVALHO, P. *et. al.* (2010) – Caminhando em Redor do forum de Aeminium (Coimbra, Portugal). *Studia Lusitana*. Mérida, 4, p. 69-88.

CORREIA, V. (1946) – *Obras*. Coimbra, I, p. 30-35.

FERNANDES, I.C. e CARVALHO, A.R. (1998) – Conjuntos Cerâmicos Pós-Medievais de Palmela. *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela, p. 211-255.

GASPAR, A. e AMARO, C. (1997) – Cerâmicas dos séculos XIII-XV da cidade de Lisboa. *La céramique médiévale en Méditerranée*. Aix-en-Provence, p. 337-345.

GASPAR, A. *et. al.* (2009) – Cerâmicas do século XV-XVI da Casa do Governador – Castelo de S. Jorge, Lisboa. *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval*. Ciudad Real, II, p. 653-672.

RAMALHO, M. M. e FOLGADO, D. (2002) – Cerâmica modelada ou o requinte à mesa do Convento de S. Francisco de Lisboa. *Actas do 3.º Encontro de Arqueologia Urbana de Almada*. Almada, p. 247-268.

REAL, M.L. *et. al.* (1995) – Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante-Porto: elementos para uma sequência longa séculos IV-XIX. *Actas das 1.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela, p. 171-186.

TEICHNER, F. (1998) – A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão (Lisboa). *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela, p. 17-31.

TEICHNER, F. (2003) – Dois conjuntos de cerâmicas quinhentistas, provenientes do Convento de São Domingos e do claustro da Igreja de São Francisco, em Évora (Alentejo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 6:2, p. 501-520.